

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria da Piedade

registada em 2008-09-18
por

Cláudia Simões e Joana Ribeiro

Maria da Piedade

Maria Piedade nasceu no Piódão, a 7 de Abril, no ano de 1937. Os pais também eram do Piódão. Chamavam-se Manuel de Oliveira e Helena da Piedade. Trabalhavam no campo, na agricultura. “Mas, às vezes, quando aparecia trabalho, iam para fora ganhar alguma coisa.” O pai ainda trabalhou nas Minas da Panasqueira. Maria Piedade teve quatro irmãos. Desde pequena que ia ao mato com a mãe e guardava as cabritas. Foi à escola, mas só fez a segunda classe. Depois teve que sair porque a mãe “tinha os meninos e estavam em primeiro lugar”. Mas sabe escrever uma carta e gosta muito de ler. A sua vida foi sempre no Piódão, a trabalhar no campo.

Índice

Identificação Maria Piedade.....	4
Ascendência "Iam para fora ganhar alguma coisa".....	4
Casa "Uma casa pobrezinha".....	5
Infância "Como era a mais velha, tinha que guardar os meninos".....	6
Educação Sem castigos não havia respeito.....	8
Religião Vocação para fazer bem.....	8
Percurso profissional "Sempre no Piódão".....	11
Costumes Os dias de festa do Piódão.....	11
Lugar Como se alimentavam e cuidavam.....	14
Sonhos "Queria ter sido freira".....	16
Avaliação "Já deviam era ter vindo".....	16

Identificação *Maria Piedade*

O meu nome é Maria Piedade. Nasci no Piódão, a 7 de Abril. Acho que foi no ano de 1937. Tenho 71 anos.



Maria da Piedade

Ascendência "*Iam para fora ganhar alguma coisa*"

Os meus pais também eram do Piódão. Chamavam-se Manuel de Oliveira e Helena da Piedade. Trabalhavam no campo, na agricultura. Cultivavam, como agora, milho, feijão, batatas... E a minha mãe também tinha que ir à lenha, cuidar dos animais e tratar dos meninos, de mim e dos meus irmãos. Mas, às vezes, quando aparecia trabalho, iam para fora ganhar alguma coisa para a gente, porque

nós éramos pequeninos e muitos. Assim muitos, muitos não éramos, mas tinha que ser.

Eu era pequenina, mas lembro-me que, no tempo do minério, os homens iam para as Minas da Panasqueira. E a nós o que nos valia ainda era o meu pai, que também lá andava, na altura. Agora é que não me lembro já disso, mas ele contava que era um trabalho duro. Andavam ali muito arriscados. Tinham que andar dentro de uma mina e traziam uns candeeiros acesos para verem, senão não viam nada. Eram uns candeeiros já próprios. Ainda assim, de gente de cá, não ficou lá ninguém. Mas morreu muita gente nessa altura. Caíam as pedras para cima deles e depois ficavam lá largados. Lembro-me muito bem ainda desse tempo. Foi no tempo da escravidão, porque houve dois anos da fome.

Mas recordo-me do meu pai ir lá à Mina e trazer-nos sempre assim uns bolinhos. Sempre que nos trazia alguma coisa, a gente ficava toda feliz! Quando ele chegava a casa, a gente ia logo abraçá-lo e beijá-lo! Já sabíamos que ele nos trazia alguma coisa melhor do que o que a gente comia. Nesse tempo, os homens das minas vinham todas as semanas para levarem o comer para toda a semana. O que era preciso para lá tinham que vir buscar a casa. E também vinham visitar as famílias. Não sei quanto tempo demoravam da aldeia às minas, mas era muito tempo e iam a pé.

Os meus pais tiveram cinco filhos. Tenho duas meninas no Céu. Chamavam-se Deolinda e Conceição, morreram as duas. Uma ainda a conheci, a outra já não. Estão no Céu a rezar por mim! E tenho dois irmãos. A mais velha sou eu, depois há o António e o José. Este mais novo era gémeo com a menina que morreu.

Casa "*Uma casa pobrezinha*"

A casa onde eu nasci era uma casa normal, assim como estas casas que hoje há na aldeia. Mas era uma casa pobrezinha. Só tinha três divisões. Era a cozinha, a sala e dois quartos. Tinha um andar e, em baixo, o rés-do-chão onde a gente punha as nossas coisas. Era pobre, mas eu dormia lá. E os meus irmãos dormiam em cima. Eram rapazes, dormiam os dois. Nesse tempo, os rapazes dormiam com os rapazes e as raparigas com as raparigas. Em casa, nós não tínhamos onde ter os animais. Esses estavam sempre longe. Só, às vezes, os porcos é que metíamos em baixo, no fundo da casa.

Infância "Como era a mais velha, tinha que guardar os meninos"

Como eu ainda era pequena, não ia para o campo. Mas, às vezes, como era a mais velha, tinha que guardar os meninos. Lembro-me muito bem de uma das minhas irmãs. Quando a Conceição morreu, já tinha eu 7 anos e ela 4 aninhos. Só gostava era de andar na água! Lá na moita, quando andavam a regar, a menina andava sempre água. Também me recorde que ela, um dia, partiu uma tigela onde se comia a sopa. Naquela altura, já havia pratos, mas todo o mundo tinha a sua tigela, umas tigelinhas pequeninas. Ela partiu-a e a minha mãe disse-lhe assim:

- "Ó Conceição, como é que tu me partiste a tigela?"

- "Então, estava a lavar a loiça e ela caiu!"

Nessa altura, também havia uma senhora ao lado, minha tia, que ficava com as crianças. Antigamente, no Verão, era tanto trabalho, tanto trabalho, que as pessoas iam a essa senhora e ela cuidava dos meninos todos! Não era como agora. As senhoras tinham a vida delas, tinham que cultivar os terrenos, e depois iam pôr os meninos àquela senhora. Chamava-se Maria dos Prazeres e, coitadinha, era solteira e também estava sozinha. Punham-lhe lá os berços. A casa dela era só berços para um lado e berços para o outro! Era uma casa pequenina, mas ela lá cuidava de todos. Nunca aquela senhora mostrou má vontade a ninguém. Aceitava todos os meninos que lhe lá fossem pôr.

Nesse tempo, eu e os meus irmãos brincávamos todos. Era jogar às pedrinhas e ao lenço. Às pedrinhas, fazia-se uma covinha pequenina na terra e todos tínhamos as pedrinhas nas mãos. Eram pedras pequeninas, tudo igual. Depois um atirava para lá a pedra, outro atirava outra. O que acertasse na cova é que ganhava. E ao lenço faziam uma roda e diziam:

- "Aqui vai o lenço, aqui fica o lenço."

E não se podia olhar para trás. Onde ficasse o lenço, o outro que o tinha é que dava outra vez a volta à roda.

Depois, quando comecei a ser mais crescida, os meus irmãos também eram maiores e já ficavam sozinhos. Então, ia ao mato mais a minha mãe. Ela fazia-me uns molhitos pequeninos e eu levava-os. Também guardava as minhas cabritas, as que os meus pais podiam ter. Eu lembro-me muito bem que, às vezes, ia sozinha com as cabras, mas mesmo no mato não tinha medo. Trazia sempre o terço e rezava e cantava as canções e os versos da Nossa Senhora. Pedia-lhe que me ajudasse, que protegesse as minhas cabras, que não viesse nenhum bicho levar alguma. Pois, nesse tempo, havia os lobos. Já não é de minha lembrança,

mas antigamente havia. Quando o gado andava aí nos montes, iam às cabras e levavam-nas.

Com o leite das cabras e das ovelhas a minha mãe fazia o queijo. Ainda me lembro e, se fosse preciso, ainda o fazia hoje. Quando o leite chegava a casa, havia uns paninhos branquinhos, para se pôr em cima da panela, para não irem cabelos. Coava-se, ficavam aqueles ciscos, aquelas coisas, no cimo do pano e o queijo estava limpinho. Depois, tínhamos que coalhar. Punha-se-lhe um produto que chamamos nós de cardo. É uma planta com a flor roxa que se apanhava e com isso é que o queijo coalhava. Quando começava a aparecer um bocadinho de líquido amarelo, era quando o queijo já estava bom. Era tão bom! E comê-lo fresco na mão? Eu nem sei dizer. Se o de agora assim fosse... Mas já há tantos anos que não tenho cabras. E, se calhar, já nem há quem as tenha e quem faça queijo.

Uma boa menina

Quando eu nasci houve dois anos de fome que foi uma escravidão! O milho secou-se todo e não havia água para regar. As pessoas tinham que ir longe comprar alguma coisa para se comer e para darem aos bichos: a farinha, o milho, o centeio... Não produziam e os alimentos chegavam ao Piódão com racionamento. Então, lembro-me que vinham pobrezinhos pedir. Não eram da aldeia, eram de longe, das outras terras. Mas, quando vinham, a minha mãe dava sempre alguma coisa. Uma ocasião, ela não estava em casa. Tinha ido buscar lenha para cozer o pão. Nesse dia, veio um homem pedir e eu pensei:

- Ora eu não tenho que dar a este senhor...

Disse-lhe então assim:

- Olhe, o senhor não se importava que eu lhe desse uma mão cheia de farinha?

- "Ai eu aceito! Eu aceito! Olhe, é uma grande esmolinha que a menina nos faz!" - disse ele.

E eu dei-lhe. Depois disse para a minha mãe:

- Ó mãe, então veio cá um senhor pedir-me. Eu não tinha que lhe dar, olhe, dei-lhe farinha.

- "Então, fizeste bem! Fizeste bem de lhe dar." - disse ela.

E eu:

- Olhe, e também lhe dei umas cebolas. Temos cá tantas, também lhe dei.

- "Então, e onde é que ele as levou?" - perguntou a minha mãe.

- Olhe, trazia um saco e eu pus-lhe lá no saco. - respondi-lhe.

Disse a minha mãe assim:

- *"Minha menina, tiveste boa lembrança! Olha, quando assim é, que cá venha alguém, tu dás sempre alguma coisa, porque se fossemos nós que andássemos com fome também gostávamos que nos dessem."*

Educação *Sem castigos não havia respeito*

Fui à escola, mas só fiz a segunda classe. Depois já a minha mãe teve os meninos gémeos, tinha a vida dela toda para fazer, e eu tinha de ajudar. Lembro-me que tínhamos uma professora muito boa e que ensinava muito bem. Chamava-se Isabel. Não nos batia muito mas, às vezes, levávamos com a régua. E, para alguns, tinha que ser mesmo assim, senão não havia respeito. Também se deixasse fazer tudo que eles queriam, não fazia nada deles. Não era sempre mas, às vezes, lá vinha um dia em que se demoravam mais tempo lá fora e tinha que ser mesmo. Mas até era bem para eles.

O dia do raspanete

Houve um dia que a minha mãe andava no campo e não me fez as tranças. E eu também não fiz a trança. Deixei o cabelo solto e fui para a escola. Mas o meu cabelo calha que me chegava à cintura! Era muito grande. Então, a professora ralhou comigo:

- "Se assim queres trazer o cabelo, se não queres fazer a trança, corta o cabelo!"

Bem, ela não ralhou, mas deu-me assim este raspanete:

- "Então, tu sabes que tens o cabelo muito grande, até à cintura... Até é melhor de pentear!"

Nessa altura, as outras todas levavam o cabelo cortado. Mas eu dizia para a minha mãe que não queria cortar e que queria o cabelo até à cintura. Mas depois ela teve mesmo que mo cortar.

Depois tive que sair da escola porque a minha mãe tinha os meninos e estavam em primeiro lugar. E também estive um tempo sem vir professoras ao Piódão. Mas, graças a Deus, sei escrever uma carta, sei ler e gosto muito de ler. Só isso já foi bom! Já dou graças a Deus por a minha mãe me poder ter na escola. Eu sentia-me infeliz se não soubesse ler. Então, quando era preciso uma coisa qualquer, ter que ir a uma vizinha para mandar ler e escrever uma carta...

Religião *Vocação para fazer bem*

A catequista Lucinda

A catequese também aprendi com umas senhoras da aldeia. Naquele tempo, eu não podia ir à igreja. Então, a minha mãe falou com a catequista e disse-lhe se ela me podia ensinar num dia, que não estava em casa e eu tinha que cuidar dos meus irmãos. Às vezes, ela ensinava-me só a mim. Outras vezes, quando a minha mãe podia estar em casa com os meninos, ia eu com as outras meninas. Ainda hoje me lembro da minha catequista, nunca me esquece. Chamava-se Lucinda. Era tão minha amiga! Se agora ela fosse viva, eu deixaria de comer as coisas para lhas dar, só por o carinho dela, por a amizade! Ela ia rezar à igreja quando o padre que, na altura, estava na aldeia, ia comer. Também morreu conforme santo aquele senhor padre. Estava sempre, sempre a rezar ao altar. Então, ela dava o catecismo àquela que soubesse mais e dizia-nos:

- "Olha, tomai que eu vou agora à igreja! O senhor padre agora está a comer e eu vou lá pôr água nas flores."

Ainda era nova quando morreu. Nunca me esqueço. Parece que ainda a estou hoje a ver. Ganhou a morte. Tomou banho, lavou-se, vestiu a roupa interior, calçou as meias... Só depois unicamente lhe vestiram o vestido e puseram-lhe um lenço na cabeça. Ela tinha véu, mas não o quis. Disse que, para a mortalha dela, queria um lenço na cabeça. E levou um lenço. Parece que ainda estou a ver. Era muito boa!

"Gostava muito de ir para a vida religiosa"

Um dia pensei em ir-me embora da aldeia. Eu pedi ao senhor padre que gostava muito de ir para a vida religiosa, de ser freira, porque era a minha vocação. Ele perguntou-me se eu tinha irmãs ou irmãos. Disse-lhe que tinha irmãos, mas que não estavam cá. E se tinha alguma irmã. Eu disse que não, que não tinha, tinham morrido quando eram pequenas. Então, ele disse-me assim:

- "Não! Olha, minha menina, ainda és muito nova! Quando fores mais crescida e que os teus irmãos estejam a acompanhar os teus pais, então, nessa altura, vais. Mas tu agora ainda és muito pequena."

Eu ainda pensei em ir, porque houve uma rapariga do Piódão que se foi embora, fugiu aos pais. Mas pensei assim:

- Então os meus pais, coitados, levaram tanto trabalho connosco e agora vou deixá-los para ir cuidar de outras pessoas? Então, deixo-me estar na minha terra.

E depois ficou assim. Fiquei na minha terra. Quando os meus pais morreram - já há muitos anos - ainda pensei em ir. Mas lembro-me assim: então, se eles não gostavam que eu fosse freira quando eram vivos, ia agora para quê? E depois, mesmo quando eles morreram, eu também já tinha mais idade. O que é que lá ia fazer? Querem lá as meninas novas para trabalhar. Digo eu, não sei. Nunca lá fui. Essa rapariga do Piódão que fugiu, continua ainda. Mas houve mais duas que voltaram logo, não gostaram. Ali também se sofre muito. As raparigas são muito sacrificadas. Mas nós antigamente, se quiséssemos trabalhar, também não faltava que fazer. Ajudar as pessoas velhinhas, os meninos e, em primeiro lugar, a nossa família, os nossos pais. Nunca os deixei ir para casa dos meus irmãos. Eles queriam-nos levar, mas eu nunca deixei! Disse-lhes:

- Enquanto eu puder, os meus pais têm que morrer é na casa deles, que é onde eles estão bem! Se os vou tirar daqui para fora, depois quem é a responsabilidade? É da Maria?

- "Ai, mas depois chegas a um tempo que tu ainda te pões pior do que eles!" - disseram os meus irmãos.

- Deixá-lo! Então, estou a fazer a minha missão! Se eu morrer estou a fazer a minha missão! - disse eu.

Eles ainda diziam:

- "Vai agora dormir! Vai agora descansar um bocado. Tu já estás pior do que eles!"

- Não, não! Ide lá para as vossas casas e para as vossas camas, que eles estão bem é comigo! Comigo é que eles estão bem. - dizia eu.

E os meus pais punham-se todos felizes comigo. Nem se sentiam bem com os filhos, nem com as noras, nem nada. Eles queriam era a Maria ao pé deles. Era a Maria e pronto. É assim a vida. A gente, se quiser rezar e fazer bem, fazemo-lo na nossa casa e na nossa terra. Não é preciso ir ajudar pessoas para longe.

"Enquanto puder, não deixo a catequese"

Mais tarde, aos meus meninos, ensinava-lhes o catecismo. Fui e sou catequista. Agora não tenho nenhuma criança, já há poucas na aldeia. Aqueles que agora estão na escola e na catequese andam com a mãe, que é catequista. Não era do Piódão, mas era catequista na terra dela. Veio para a aldeia e agora ensina, faz o seu dever. E os meninos são dela. Mas uma senhora que tem três netinhos já me convidou. Disse-me:

- "Maria, depois ensinas-me os meus meninos?"

- Então, eu não ensino porquê? Só se não puder! O mais de boa vontade!
- disse eu.

Começo pelo Sinal da Cruz, a Ave Maria, o Pai Nosso e por estas coisas assim mais simples. Depois vou ver ao catecismo, olho e pronto. Comigo sempre se portaram muito bem. Parecia que não havia lá meninos! Tão sossegados, tão quietinhos! Se era preciso ir lá fora, pediam e iam. Nunca tive uma "escandola" dos meninos. Nunca vi que me tratassem mal ou que me dessem alguma resposta má. Não. Foram sempre muito educadinhos! Eu também era boa para eles, não lhes ralhava nem nada. Levava-os ao bem. Portanto, enquanto puder, não deixo a catequese. Agora estou convidada para esses três meninos, que ainda são tão pequenos. Mas nessa altura, quando eles forem da idade da catequese, se calhar já estou muito velhinha... Mas o espírito é sempre jovem! Tendo força de vontade faz-se tudo.

Percurso profissional "*Sempre no Piódão*"

Fiquei sempre no Piódão a trabalhar no campo. Lembro-me, ainda era pequena, daquelas senhoras que levavam carregos para a Mata da Margaraça, mas isso já não é do meu tempo e para aí nunca fui. Também não fui para Lisboa, mas o meu irmão António foi. Como não havia onde se empregarem, a minha mãe pediu a um senhor da aldeia e ele levou-o para Lisboa. O meu irmão trabalhou com esse senhor e lá esteve até se casar. Mas lembro-me que ele era tão pequenino quando foi embora. Era pequeno e andava aí nas estradas e nas florestas com um barril de água às costas. O mais novo, o José, esse ficou sempre no Piódão.

Costumes *Os dias de festa do Piódão*

As procissões

Antigamente, as festas eram como agora. O padroeiro é o Sagrado Coração de Jesus. É esse andor que eu enfeito e enquanto puder não o deixo. Já há muitos anos, parece que dos 12 anos, mais ou menos. A festa costuma ser no Verão e, quando é das procissões, são muitos andores. É muito bonito. Põe-se lá os santinhos, a Nossa Senhora, o Sagrado Coração de Jesus e muitos que há na aldeia. Então, juntámo-nos todas e a gente arranja-os em conjunto. Ainda este ano arranjámos flores todas naturais e já se põe na hora. Mas antigamente

demorava mais tempo. Tinha que se começar antes, aos domingos, e as flores eram de papel. Então, compravam folhas de papel de várias cores e era assim: a gente pegava no papel, punha-o certinho, pegava numa agulha e com linhas, ficava uma flor. Depois, com a mesma agulha, enfiava a linha no andor e assim púnhamos as flores em toda a volta. Mas isso dava muito trabalho! Este ano já não deu trabalho nenhum. Eram muitos andores, mas estava tudo na rua, já tudo em ordem. Depois rapazes e senhores, aqueles que podem, cada um vai pegar, já está tudo destinado. Este ano não foi preciso eu me ralar nem andar pelas portas, pelas casas, a dizer:

- Olha, queres fazer isto? Queres ajudar a levar o andor?

De quatro rapazes de uma casa, apareceu logo um:

- "Olhe, quem leva o andor do Sagrado Coração de Jesus sou eu e os meus três irmãos."

Se Deus não ajuda a gente! Em Deus querendo, tudo se faz, tudo aparece! E Nosso Senhor tem-me ajudando tanto na minha vida... Então, eu nem merecia tanto. Sou tão feliz!

Também me lembro da Procissão das Ladainhas. Antigamente iam ao Chãs d'Égua. Depois o senhor padre cantava e a gente respondia. Então, é fácil. O senhor padre dizia assim:

- "Santa Maria!" - e nomeava aqueles nomes dos santos que estavam no livro.

Depois a gente cantava:

- "Ora pro nobis!" - agora já se diz "Rogai por nós", mas antigamente era "Ora pro nobis". Foi no tempo em que a missa era em latim. Umás coisas percebia, mas eu já andava tão habituada que não me fazia diferença. Já respondia a tudo. E as pessoas também se começaram a habituar e depois já sabiam o latim. Não era eu sozinha que respondia. Diz-se tantas vezes, sempre ficava alguma coisa na cabeça. Mas ainda bem que mudaram para português, porque aquelas coisas em latim custava a perceber. A gente lá ia indo, mas algumas coisas não as percebia.

No Natal e nas Janeiras

Na véspera de Natal, os rapazes e as raparigas faziam uma fogueira grande no largo e juntavam-se lá todos. Era uma festa toda a noite, porque era só uma vez no ano. Depois cantavam os versos do Menino Jesus e as Janeiras também. Em casa, era cada um conforme podia. Mas faziam-se sempre as filhoses e outros bolos. As filhoses fazem-se assim: deita-se um bocadinho de água morna para depois serem melhores de mexer. Havia quem pusesse só ovos. Mas quem tinha

poucos ovos, as pessoas mais pobres, às vezes, punham menos ovos e deitavam um bocadinho de água morna. Põe-se também a farinha, farinha de trigo, e fermento. Depois é que mexiam tudo. Agora já há quem faça assim de outra maneira, mas antigamente era com as mãos que se amassava. Então, estavam as mãos bem limpinhas, bem lavadinhas, e as unhas também, ficava tudo bem na mesma. Depois tiravam-se com uma colher, começavam-se assim a estender e eram fritas. Começavam a crescer e depois virávamos. No final, havia quem pusesse açúcar e quem não pusesse. Sempre houve pessoas que não podiam comer com açúcar. Para essa gente de dieta, tinha que ser de outra maneira, tinha que ser só a farinha. Mas quase sempre púnhamos açúcar: há quem ponha na massa e havia quem pusesse por cima das filhoses só um bocadinho de açúcar com uma colherinha.

Nesse tempo, cantavam também as Janeiras:

*"Menina que estás sentada
Num banquinho de cortiça,
Venha-me dar as Janeiras,
Ou arrecade-me a chouriça!"*

E quem tinha, dava a chouriça. Eu era muito envergonhada e nunca fui pedir as Janeiras. E a minha mãe também não gostava que a gente andasse a pedir. Dizia-nos sempre:

- "Eu não quero que os meus filhos andem a pedir! Olha que, graças a Deus, tendes cá em casa. E quando vos apetecer comer alguma coisa digei, porque eu faço. Não andeis por aí a pedir nada a ninguém."

Aquilo era uma brincadeira, mas a minha mãe não deixava. Mas, se tinha, também dava.

"Jeuavam a Quaresma toda"

Na Páscoa nós, os meninos, juntávamo-nos, íamos pedir o foliar às nossas madrinhas e elas davam-nos a bênção. Antigamente havia jejum na Quaresma. Diziam que, para ter valor, tinha que se comer menos. Comiam só três vezes ao dia, mas era coisas leves, senão também não tinha valor. Tinha que se comer pouco, mas era o suficiente. Havia aí senhoras que jejuavam a Quaresma toda! Ainda há, mas agora já não é tanto, porque as pessoas já são mais fracas, já não aguentam assim aqueles jejuns de antigamente. Nesse tempo era uma coisa rigorosa. Mas já não custava nada! A gente andava tão habituada. Agora é

gelados, é isto, é aquilo. Mas, antigamente, sabe Deus. Doces, não os havia... Hoje nem eu nem ninguém da aldeia se aguentava assim.

A matança do porco

Às vezes, matava-se um porquito. No dia da matança, juntavam-se as famílias. Por exemplo, os meus tios, os meus avós. Cada um com a sua família. Então, punham o porco num banco e atavam-lhe uma corda, que era para ele não fugir. Conforme fosse o porco, dois ou três homens estavam a segurá-lo e outro espetava-lhe a faca e matava-o. Depois estava uma senhora com um alguidar a apanhar o sangue, que era para fazermos as morcelas. Eram as mulheres que iam lavar as tripas. Iam ao ribeiro, onde a água corria e era limpinha, viravam-se e lavavam-se bem lavadas. Agora é que já não me recordo, porque há muitos anos que não tenho porcos, mas punha-se-lhe um produto para ficarem limpinhas. Primeiro que estivessem prontas... Aquilo era com uma limpeza que eu sei lá! Depois ainda as punham uns dias com vinha d'alho, que era para ficarem bem boas, de maneira a se poderem comer.

Havia quem matasse um porco, outras vezes, eram dois, e outros até matavam três. Era conforme as posses porque, naquele tempo, eram famílias numerosas. Não era como agora, só um ou dois filhos. Alguns matavam dois porcos e mesmo assim não chegava. A carne tinha que ser muito bem regrada. Um bocadinho para cada um da família, que era para chegar de um ano ao outro. Às vezes, quando se matava ao outro ano, ainda havia um bocadinho de carne do anterior.

Lugar *Como se alimentavam e cuidavam*

Moinhos e fornos comunitários

Antigamente, as refeições eram mais ou menos como agora. Quando era nas festas, às vezes, quando faziam anos, sempre se fazia alguma coisa diferente. O resto era normal todos os dias. Cada um tinha o seu dia para ir moer a farinha ao moinho. Eram moinhos do povo todo. Havia um que era de oito em oito dias e outro que era de 15 dias. Como havia muita gente, nessa altura, um tinha o dia para moer, outro tinha a noite. E cada um tinha o seu dia e já sabia quando havia de moer. Senão, juntavam-se lá todos. Mas, às vezes, quando era no tempo das castanhas (que antigamente havia muitos castanheiros no Piódão), era uma

chatice. Quero eu dizer que as folhas dos castanheiros metiam-se, o moinho entupia-se e, quando iam ao outro dia, não tinham farinha. Era Inverno, mas os moinhos não trabalhavam, porque não vinha água para moer. De manhã aquilo tirava-se com a mão, mas já tinha passado o tempo de moer. Diziam depois que punham uma grade de madeira para as folhas não irem para dentro.

Também havia fornos. Havia, então, muita gente e todos lá iam cozer. Não havia cá outros. Começavam a cozer no princípio da semana até ao fim. Nessa altura, havia muito centeio, porque cavavam e semeavam aí pelas serras. E eu também ainda fui buscar alguns molhos para mim e para as minhas vizinhas. Era assim, tínhamos que ajudar umas às outras. Então, juntavam-se as senhoras e cada uma sabia o seu dia. Às vezes, conforme as famílias, eram duas e três pessoas a cozer no forno. Para saberem qual era o seu pão, faziam um sinal. Uma fazia um buraquito, outra fazia um belisco. Era assim a vida.

"Era tudo saudável"

Antigamente, a gente do Piódão era rija e forte! Para trabalhar e para tudo! Algum dia havia algumas doenças como hoje há? Então, nem vinham médicos nem nada! Não havia estradas. Sabiam lá os médicos onde é que a gente estava. É que as pessoas estavam nestes ermos como os bichos. Já não é de minha lembrança, mas diziam que, quando era dos partos, havia senhoras que não conseguiram ter os meninos, os bebés. Havia parteiras, mas tinha que vir mesmo o médico, senão morriam. E algumas ainda morreram. Mais tarde era um médico, que esteve numa terra chamada Avô, que vinha ao Piódão. Parece-me que era doutor Vasco Campos e vinha a cavalo. Mas antes só tínhamos os barbeiros. Lembro-me que havia um que era o Mestre Francisco. Eu chorava tanto quando a minha mãe lá ia comigo. Ele era muito alto e muito gordo. Tinha uma barriga... E era um berrão. Quando a gente chorava, às vezes envergonhava-se. E ele, em vez de animar as pessoas, começava a ralar com a gente:

- "Olhe, deixa-a chorar! Ela não faz outra coisa senão chorar! Deixa-a para aí estar que ela tem medo..."

Eu tinha tanto medo, tanto medo dele quando era pequena! Em o vendo, parecia que até me escondia! Só fui a esse barbeiro quando ia com a minha mãe. Foi quando ela teve dois meninos em casa e, às vezes, também me levava. Mas ainda tenho uma pequena ideia que ele dava as vacinas.

Também tínhamos chás para quando estávamos doentes. Às vezes, quando a gente era pequeno e nos doía a barriga, tomava o chá de cidreira. Também havia o chá de hortelã. Agora, graças a Deus, já não é preciso essas coisas. Mas no meu

tempo, quando eu me criei, tomava-se o chá, pronto! Não havia febres nem nada. Era tudo saudável! Pelo menos na minha casa, graças a Deus, era tudo saudável.

Sonhos "*Queria ter sido freira*"

Queria ter sido freira. Era esse o meu sonho. Nunca tive outro. E a minha vocação era essa. Mas o senhor padre, na altura, disse e teve razão: em primeiro lugar estava a minha mãe, os meus pais. Em primeiro lugar estavam as minhas pessoas! Depois, então, conformei-me. Fiquei com os meus pais até morrerem, porque era a vontade de Deus. Não era aqui que eles estavam bem? Nosso Senhor também não quer aquilo que não pode ser! E não exige de nós aquilo que nós não sabemos, nem podemos. Por isso, estou feliz da minha vida! Juro e já disse para muita gente:

- "Sou tão feliz, tão feliz... Se eu pudesse dar a minha felicidade a alguém, eu até dava!"

Mas não sou digna disso.

Avaliação "*Já deviam era ter vindo*"

Acho um trabalho bom o que andam a fazer no Piódão. Já deviam era ter vindo quando a gente era mais nova. É que fazem falta na aldeia umas pessoas. Parece que não, mas a gente sente-se mais feliz assim com umas pessoas à vontade. Não estou arrependida. Então, falei conforme sabia e podia. Alguém há-de falar. Lembro-me agora quando a gente se vai confessar. Quando era menina, o senhor padre dizia-me assim: - "Então minha menina, ainda queres dizer mais alguma coisa?" Respondia que já não me lembrava de nada. E agora também digo: não me lembro de mais nada!